



HISTÓRIA



ANTÓNIO DE MAGALHÃES RAMALHO

O homem e a sua instituição



Em cima: Laboratório de Bioquímica. Dr. Orlando P. Rafael Pinto (chefe do laboratório), Dr.ª Maria Manuela Costa Reis e Fernanda Cabral. (1963) Arquivo Nacional da Torre do Tombo

À esquerda: António de Magalhães Ramalho, fundador do INII

Página ao lado: A suposta Biblioteca e Sala do Conselho, na Rua Garcia da Horta, convertida em sala de dactilografia por falta de espaço. (1963) Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Esta é a história de António de Magalhães Ramalho, "alma mater" do Instituto Nacional de Investigação Industrial (INII), criado em 1957. Esta é a história do Instituto, espécie de escola de gestão empresarial que não existia no País. Esta é a história dessa simbiose. A história do homem e da instituição é contada no livro "António de Magalhães Ramalho - Fundador do INII e pioneiro da investigação industrial", que será lançado terça-feira na Ordem dos Engenheiros. Um livro da historiadora Margarida Magalhães Ramalho, que aceitou o desafio de se lançar na outra vida do pai. E contou-nos como foi.

LÚCIA CRESPO
lcrespo@negocios.pt

Botas cardadas a secar dentro de uma misturadora numa fábrica de lanifícios, ratos em armazéns. Anos cinquenta, sessenta. Os homens do Instituto Nacional de Investigação Industrial metem-se Portugal adentro, interior, litoral, encontram fábricas feitas de bagunça. Um país em estado de pré-revolução industrial. Os homens do INII, jovens engenheiros e economistas, formados em Portugal, especializados no estrangeiro, visitam conserveiras, queijeiras, fábricas de vidro, de têxteis. Lançam estudos e cursos de produtividade. Pelo instituto, fundado em 1957, passam nomes como Carlos Corrêa Gago, Luís Moura Vicente, José Torres Campos, Eduardo Gomes Cardoso, João Cruzeiro, Mário Murteira e Manuel de San-



tos Loureiro. Diz-se, do INII, que foi a melhor escola de quadros do pré-25 de Abril.

A história do INII, sobretudo a do seu arranque, é contada pela historiadora Margarida Magalhães Ramalho. Conta-a em livro. E, mais do que uma história de uma instituição, ou paralelamente a ela, esta é a história de um homem. Fintados os receios, Margarida lançou-se no outro lado da vida do pai. No lado da obra profissional. António de Magalhães Ramalho (1907-1972) foi o fundador do INII. Foi a sua "alma mater", diz Manuel de Santos Loureiro, um dos dirigentes da Divisão de Estudos Económicos do antigo instituto. Santos Loureiro é uma das várias pessoas que a historiadora entrevistou para construir o seu livro "António de Magalhães Ramalho – Fundador do INII e pioneiro da investigação industrial", que será lançado, dia 2 de Abril, na Ordem dos Engenheiros. "Esta é a história da simbiose quase perfeita entre um homem e uma instituição pela qual lutou e, finalmente, conseguiu criar", escreve, no prefácio da obra, o economista José Maria Brandão de Brito.

O INII era feito de gente nova, sem "vícios de função pública", sobretudo de engenheiros recém-licenciados dispostos a transformar sectores de produção. Antes de serem contratados, eram sujeitos a demoradas entrevistas. Superada essa prova, em que Magalhães Ramalho aferia o grau de entusiasmo dos candidatos, os novatos entravam para o INII, frequentavam cursos de especialização em países como França e Suíça. De lá traziam apontamentos, fotografias, manuais, catálogos. E transmitiam os conhecimentos adquiridos em acções de formação aos colegas. Ou em cursos para as empresas. Intervindo, sobretudo, na área têxtil, de conservas alimentares e de metalomecânicas, o INII funcionava, então, como a escola de gestão empresarial que não existia no País.

"TUDO PELA EXPORTAÇÃO, NADA CONTRA A EXPORTAÇÃO"

"...ninguém culto poderá já hoje negar a relevância que tomaram nas últimas décadas de anos, na vida dos povos, as questões ligadas às ciências, em geral, e à investigação científica, em particular. Problema oportuno, pelo menos a meu ver, porque, ao contrário do pessimismo a que muitos são levados pela inação e crueza das reali-

"Esta é a história da simbiose quase perfeita entre um homem e uma instituição pela qual lutou e, finalmente, conseguiu criar", diz, no prefácio da obra, o economista Brandão de Brito.



MARGARIDA MAGALHÃES RAMALHO
"ANTÓNIO DE MAGALHÃES RAMALHO – FUNDADOR DO INII E PIONEIRO DA INVESTIGAÇÃO INDUSTRIAL"
 BY THE BOOK
 2014

dades das épocas de crise, eu julgo que essas épocas são precisamente aquelas que maiores potencialidades de acção encerram... (...)

(intervenção de António de Magalhães Ramalho na Assembleia Nacional a 15 de Março de 1950).

Nascido em 1907, António de Magalhães Ramalho era um homem do Douro que vivia em Lisboa. Vinha de um ambiente monárquico. Mas o irmão mais velho era republicano. "Já o meu pai, era algo desligado da política ideológica. Era, sim, um entusiasta da industrialização do país", diz Margarida. Feito engenheiro mecânico e electrotécnico no Instituto Superior Técnico (IST), Magalhães Ramalho foi eleito deputado à Assembleia Nacional por Viseu, mostrando, desde logo, o seu pendor pela investigação científica e pela formação de quadros empresariais. Chegou a chefiar o Serviço de Economia de Combustíveis do Instituto Português de Combustíveis, presidiu à Comissão Reguladora do Comércio de Carvões, foi nomeado engenheiro-inspector superior da Direcção-geral de Combustíveis, tornando-se, mais tarde, vice-presidente do Conselho de Combustíveis. Foi, também, vogal do Conselho Superior da Indústria e do Conselho Superior de Minas. Em 1951, assumiu a pasta de subsecretário de Estado do Comércio e Indústria num ministério então chefiado por Ulisses Cortês.

Com o País à beira da integração europeia – Portugal foi membro fundador da EFTA, em 1960 –, Magalhães Ramalho reclama a importância dos mercados externos no processo português de industrialização. "Tudo pela exportação, nada contra a exportação", disse num documento debatido no II Congresso dos Economistas e da Indústria Portuguesa, evento por ele organizado. "Foi um momento de viragem. (...) As suas conclusões apontavam para uma alteração profunda da política económica portuguesa, mais atenta, a partir de então, às questões da internacionalização", aponta Brandão de Brito.

O "GRAND TOUR" INDUSTRIAL

"Falando-se a todo o momento de fomento industrial, não temos ainda uma instituição especialmente dedicada à investigação cientí-

>>> página 12



HISTÓRIA

No sentido do ponteiro do relógio: Núcleo de Metalurgia, secção de ensaio de materiais. (1963) Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Laboratório de Bromatologia: Dr.ª Beatriz Reis Machado, Dr.ª Maria José Dias Carneiro e Fernanda Garcia. (1961) Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Secretaria do Serviço de Produtividade instalado num antigo quarto de empregada. (1963) Arquivo Nacional da Torre do Tombo



>>> página 11

fica e técnica das questões que interessam ao aperfeiçoamento e progresso da nossa indústria (...) é, pois, na ausência de tradições científicas fortes e de um sentimento de interesse e carinho colectivo pelas questões da respectiva investigação que reside, a meu ver, a dificuldade principal ao desenvolvimento de qualquer plano para a melhoria substancial das condições em que, presentemente ainda, se realiza a investigação científica em Portugal. (...) Numa palavra: que oriente a investigação científica em Portugal e faça tirar dela os benefícios que outros países já colhem e de que nós tanto também precisamos.

(Intervenção de António de Magalhães Ramalho na Assembleia Nacional a 15 de Março de 1950).

A criação de um instituto de investigação era um sonho antigo de Magalhães Ramalho. Um instituto que viesse a ser para a Indústria o que o Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC) era para as obras públicas e para a construção civil, refere Margarida Magalhães Ramalho. O engenheiro enfrenta resistências, entraves políticos e burocráticos, e antecipa a falta de técnicos capazes. Com o apoio do amigo José Maria Mercier Marques, Magalhães Ramalho lança-se, então, num "Grand Tour" industrial Europa fora e contacta com industriais e cientistas de organizações em França, Bélgica, Holanda, Alemanha e Suíça. Alimenta um caderno de notas com ideias várias. Só viajando, dizia, seria possível perder o "complexo de inferioridade" dos portugueses, procurar o "arrojo" antigo e combater "uma educação excessivamente puritana e provinciana". "Há coisas que ainda hoje estão actuais", expressa a historiadora. "Formar ou perecer", dizia o seu pai. "Essa era a luta dele", diz a filha. Um dia, o então subsecretário de Estado ouve do seu Presidente do Conselho, António de Oliveira Salazar: "A mim, parece-me que o Eng.º Ramalho tem razão no que invocou".

A MODA DA PRODUTIVIDADE

Aprovado em 1957, o INII arranca em 1959 com três grandes domínios de actuação: a Economia Industrial, a Produtividade

"O Departamento de Produtividade [do INII] tornou-se numa espécie de escola de gestão com um impacto muito positivo na época", refere, no livro, Luís Moura Vicente, um dos pioneiros do instituto.



e a Tecnologia Industrial. Mas é o Serviço de Produtividade – criado para "estudar os problemas relativos à organização científica da produção e do trabalho das actividades industriais no aspecto humano, técnico e económico" – que terá maior sucesso. É com ele que se iniciam estudos sobre indústrias como as conservas, a construção de móveis metálicos e têxteis. É com ele que é lançado um ciclo de conferências sobre produtividade e cursos junto das empresas. "É a primeira vez que, em Portugal, a produtividade ganha foros de alforria", diz a historiadora.

"O Serviço de Produtividade – dirigido por Eduardo Gomes Cardoso – ficou na história como um dos pontos fortes da intervenção do INII. Foi das coisas que mais lastro deixou. Pode dizer-se que foi com este serviço que a produtividade passou a ser um tema obrigatório nas empresas", conta, em depoimento no livro, João Cravinho, ele que entrou para o instituto em 1960. "De certa forma, o Departamento de Produtividade tornou-se numa espécie de escola de gestão com um impacto muito positivo na época", diz Luís Moura Vicente, também um dos pioneiros do INII. "A moda pegou e, alguns anos depois, outros organismos como a Associação Industrial, a Cooperação da Indús-



INSTITUTO Um lugar excêntrico

Maria Velho da Costa e Isabel Barreno, duas das “Três Marias”, trabalharam no INII, onde, um dia se comemorou o aniversário do Lenine.

MARIA DE FÁTIMA BIVAR, mais tarde conhecida por Maria Velho da Costa, e Isabel Barreno, duas das “Três Marias”, trabalharam no Instituto Nacional de Investigação Industrial. “No panorama da época, o instituto era visto pelos outros organismos do Estado como sendo um pouco ‘excêntrico’”, refere Torres Campos.

“Na altura, o INII era um sítio para onde todos queriam ir. Havia até um certo antagonismo por parte de outras instituições que acabavam por ter uma certa inveja da vivência do INII”, conta, ao Negócios, Margarida Magalhães Ramalho. “A maior parte dos funcionários era gente bastante jovem e não se revia, de forma nenhuma, na política vigente. Com os devidos cuidados, podia falar-se abertamente sem grandes problemas”, diz Fernando Melo Antunes, que integrou o Serviço de Produtividade do INII. “E entre nós havia mesmo aqueles que eram bastante activistas...”. Tais como Isabel Barreno que, em 1962, entra no sector de Relações Humanas integrado no Serviço de Produtividade do INII, departamento instituído pelo economista Adérito Sedas Nunes – considerado um dos pioneiros da Sociologia em Portugal, numa altura em que não existiam cursos de Sociologia nem de Psicologia, ciências consideradas “subversivas”. “A inovação constata-se até em pormenores do funcionamento interno. Gomes Cardoso, que dirigiu o departamento, estipulou, por exemplo, que a meio da manhã e a meio da tarde se fizesse uma pausa para o café, prática até aí desconhecida e que foi mantida mesmo após a sua saída do Instituto. Durante essas pausas, falávamos e discutíamos ideias. Não direi que se falasse abertamente sobre temas políticos – nesse tempo, a prudência tinha que ser a regra básica – mas mesmo assim, comparativamente com outros sectores públicos, aqui havia mais abertura. E nessas conversas já dava para se perceber que havia uns mais conservadores e outros que pendiam mais para a ‘esquerda’, ou seja, os que achavam que a ‘continuidade’ era impossível”, conta Maria Velho da Costa no livro de Margarida Magalhães Ramalho.

E testemunha Eugénio Borralho, que foi investigador de Estudos Económicos do INII. “Havia coisas engraçadas. Um dia, um dos nossos colaboradores, o António Pedro Ferreira, que era um homem muito engraçado e muito brincalhão (e muito próximo do PCP), levou um bolo para comemorar. Todos comemos e bebemos e no fim perguntei-lhe, ‘então e o que é que estamos a comemorar?’ ao que ele respondeu ‘o aniversário do Lenine!’”.

tos por todo o lado, era uma desgraça”, conta. “Desde há muito que o administrador era o Eng.º Calazans Duarte. Uma pessoa simpática, mas que não fazia qualquer ideia do que era gerir uma fábrica. (...) E entregava tudo na mão dos encarregados. Assim, o funcionamento, encomendas, vendas, etc, dependiam da boa ou má capacidade desses homens quase sem instrução e que estavam habituados a fazer o que queriam. Alguns até se aproveitaram desse ambiente de balbúrdia generalizada para fazer negócios às escondidas com materiais da fábrica”, diz António Gallo.

De Bordéus, veio uma equipa para reorganizar a fábrica, inventariar “stocks”, etiquetar peças e criar impressos que garantissem o controlo de entrada e saída de materiais. “Não foi nada fácil a reestruturação da fábrica e sei que o Eng.º Magalhães Ramalho teve sérios problemas com o Eng.º Calazans. E não foi só ele, eu também tive. Como era o elemento do INII na fábrica, o Eng.º Calazans dizia em todo o lado que eu era o espião, pior, o PIDE do INII...”, conta António Gallo no seu depoimento à historiadora.

O “MIOLO” DA ECONOMIA

“Se é verdade que a Produtividade será sempre o Núcleo/Serviço mais forte, o facto é que, a partir de 1962, os Estudos Económicos vão conquistar um lugar ao sol”, diz, no seu livro, Margarida Magalhães Ramalho. “Inicialmente, a constituição deste grupo de trabalho não fora autorizada pelo ministro (da Economia) Ferreira Dias, muito mais interessado nas Tecnologias do que na Economia Industrial. Assim, e como referem nos seus testemunhos dois dos homens que o virão a chefiar – João Cruzeiro e San-

>>> página 15

tria e a Associação Comercial também passaram a promover os seus próprios cursos. Mas até 1966, será só o INII a fazê-los”, acrescenta João Cravinho, em declarações à historiadora.

AS PME E FÁBRICA IRMÃOS STEPHENS

E escreveu António de Magalhães Ramalho no seu caderno de viagens: “chamamos também a atenção para o facto de haver muitas unidades industriais pequenas na França, Bélgica e Holanda e que, apesar disso, conseguem viver bem. Isso me reforça a ideia de que a mania de concentrar indiscriminadamente as indústrias é um erro”.

O INII estava, então, vocacionado para apoiar as pequenas e médias empresas e não tanto os grandes consórcios industriais, um posicionamento que gerou alguns “frissons”, comenta a historiadora. “O meu pai enfrentou um imobilismo muito grande, um desinteresse de quem não conhecia e que, provavelmente, não estava interessado em conhecer o País. Enfrentou os pequenos feudos nos quais ninguém queria mexer”, afirma. Ainda assim, o INII teve, desde o início, uma grande adesão por parte de toda a indústria. “Era através do instituto que os industriais tinham acesso a documentos vários. Era através dele que podiam modernizar-se. É certo que a CUF já tinha o seu centro de investigação, e a funcionar bem, mas era a única. A ideia do instituto era chegar a todo o País”, diz a historiadora.

É nesta caminhada que os homens do INII encontram Portugal em estado de pré-revolução industrial. Entre as empresas visitadas, estava a Fábrica-Escola Irmãos Stephens, na Marinha Grande, o primeiro serviço externo do INII. Margarida Magalhães Ramalho descreve os vários momentos desta intervenção num capítulo intitulado: “Aventuras e desventuras da Fábrica-Escola Irmãos Stephens: um processo digno de Kafka”. A historiadora recolheu muita documentação e recorreu ao testemunho de António José Gallo, que integrava a equipa de estudo do INII sobre a indústria conserveira de sardinhas. Natural da Marinha Grande, foi desafiado, em 1961, para servir de elo de ligação entre o INII e a fábrica vidreira. “Era um caos. Não havia estruturas de chefias, não havia controlo de coisa nenhuma, as instalações e os armazéns estavam muito degradados, havia ra-

“Se é verdade que a Produtividade será sempre o Núcleo mais forte, a partir de 1962, os Estudos Económicos vão conquistar um lugar ao sol”, aponta, no livro, a historiadora Margarida Magalhães Ramalho.



HISTÓRIA

Bruno Simão



PERFIL

MARGARIDA MAGALHÃES RAMALHO adora histórias desde pequena. A mãe era uma grande contadora, apanhou esse gosto dela. Entrou pela arqueologia, estudou as fortificações marítimas, meteu-se com D. Carlos, o rei que de santo, rapidamente, passou a ogre, como conta em "1908 - Um olhar sobre o Regicídio". Escreveu "A Corte à beira mar", um livro sobre o Estoril, que, de terra de exílio, virou praia de família, onde D. José tratou as suas chagas nas pernas e os males dos cães. Trabalhou a temática dos refugiados e lançou "Lisboa. Uma Cidade em Tempo de Guerra", um livro cheio de histórias da "spyland" dos anos 40.

PRIMEIRA PESSOA **Eu e o meu pai**

Enquanto filha, tinha a noção de que o meu pai havia tido um papel importantíssimo mas, enquanto investigadora, sei que, por vezes, existem grandes "décalages" entre aquilo que as famílias pensam que aconteceu e aquilo que efectivamente aconteceu.

Este é um projecto pessoal, ainda que eu tenha sido bastante empurrada pelos meus irmãos. A resistência tem dois óbices. Não tive receio de ser tendenciosa, mas receei, sim, que as pessoas que entrevistasse se vissem coagidas a dizer bem ou a não dizer aquilo que pensavam sobre o meu pai. Enquanto filha, tinha a noção de que o meu pai havia tido um papel importantíssimo mas, enquanto investigadora, sei que, por vezes, existem grandes "décalages" entre aquilo que as famílias pensam que aconteceu e aquilo que efectivamente aconteceu. Tive receio de estar a empolar algo que, se calhar, não merecia tanto empolamento. Mudei de opinião quando comecei a falar com pessoas, como João Cravinho, que me disseram que o meu pai tinha sido uma peça fundamental no processo de industrialização dos anos 50. Que tinha sido uma pessoa muito fora do comum e de grande visão. Comecei a recolher testemunhos e entusiasmei-me.

Sendo um homem com uma grande admiração por Salazar – e, a isso, não há volta a dar por mais que eu quisesse –, ele nunca quis ser membro da União Nacional nem da Legião Portuguesa. Sendo do regime, tinha sempre um pé fora ou, pelo menos, uma opinião crítica em relação às coisas. Tinha um arrojo. É essa faceta que me agrada e que tem a ver com a imagem que eu tenho do meu pai.

Eu acredito que aquilo que o movia, além do seu entusiasmo, era a ideia de fazer alguma coisa pelo seu País. Tinha uma preocupação de serviço público. Genuinamente. O INII deu-lhe muito gozo, mas também muita dor de cabeça. Acabou por ser um presente envenenado, para ele e para nós.

A entrada do Marcello Caetano é, para ele, desastrosa. O Marcello tinha um secretário de Estado, Rogério Martins, um homem moderno e com uma visão interessante, que quis fazer um corte com tudo o que estava para trás. Com todos os directores-gerais. Era natural. O meu pai é afastado. E ainda que o Rogério Martins tivesse sido um pou-

co a "alma negra" em minha casa, tenho o distanciamento para perceber que as coisas não são brancas nem pretas, as coisas são cinzentas, e que o meu pai não seria uma pessoa fácil, que estaria a envelhecer e que estava muito desgastado. Era uma pessoa que explodia com facilidade, mas muito carinhosa, com uma bondade enorme.

Na altura, ele tinha cerca de 62 anos, parecia-me muito velho, não era. Ficou numa agonia. Há uma coisa que me fez muita impressão. Encontrei, no arquivo do Marcello Caetano, uma carta que o meu pai escreveu quando foi posto de fora. Ele escreveu a achar que tudo fora um engano. Mas não é a carta ou teor da carta que me faz impressão. O que me faz impressão é o facto de a carta ter sido escrita pela minha mãe e não pelo meu pai. Ele assina, mas a letra é dela. Ou é ela que o obriga ou ele não está, sequer, em condições de escrever a carta.

Nesse período difícil, em que o meu pai andava, como que enjaulado, no corredor de nossa casa, para a frente e para trás, sem saber o que fazer da vida, aconteceu uma coisa engraçada. Aproximou-se de mim de uma forma mais adulta. Nessa altura, eu era a única em casa, tinha 17 anos. Sempre fui de esquerda e tinha um enorme cartaz com a cara do Che Guevara na parede do meu quarto – nunca ninguém me disse nada – e assinava o jornal "O Comércio do Funchal", muito crítico do regime. Uma vez, ele pergunta-me: "mas que jornal cor-de-rosa é esse que andas sempre a ler e a sublinhar?". Empréstei-lhe um e, ele, no outro dia, foi buscar outro, e depois outro... um dia disse-me "é que eles têm razão".

As pessoas têm coisas boas e coisas péssimas, há coisas que correm bem, outras que correm mal. Para mim, este homem é, para muita coisa, uma referência a seguir, para outras não. Não tenho a mania que ele foi o melhor dos melhores, foi uma pessoa muito humana, com imensas qualidades mas também com grandes defeitos como todos nós, aliás.

Afinal, quem é que é só santo ou só demónio?



Página ao lado:
Magalhães Magalhães Ramalho

Nesta Página:
António de Magalhães Ramalho com a sua filha mais nova, Margarida. 1954

>>> página 13

tos Loureiro – até 1962, o Núcleo vai funcionar de forma mais ou menos clandestina”, conta.

O trabalho que desenvolviam era, basicamente, o de “ajudar a identificar as novas áreas úteis para o desenvolvimento industrial. Embora não pareça, isto era altamente pioneiro já que, até aí, pouco se tinha feito nesse sentido em Portugal. Ao estudarmos a economia industrial, procurávamos identificar oportunidades de promoção industrial, um conceito-chave para Santos Loureiro, e que estava relacionado com o conhecimento trazido pelas estatísticas”, conta, à historiadora, João Cruzeiro. E realça: “interessante foi que Santos Loureiro acabou por transpor a experiência, as ideias e os projectos que tinha na área da promoção industrial e que desenvolveu no INII, para o Banco de Fomento. Aliás, nós todos acabámos por fazer isso. Pode dizer-se, por isso, que o INII foi a nossa escola para o trabalho que viemos a realizar no Banco de Fomento”.

Pela divisão de estudos económicos, passaram nomes como Roque Oliveira, Eugénio Borralho, Abílio Fernandes, Abdool Karim Vakíl e António Portela. Este núcleo, dirigido inicialmente por Santos Loureiro, será, em parceria com a Associação Industrial Portuguesa e com o Instituto Nacional de Estatística, responsável pela criação da primeira Matriz Interindustrial Portuguesa, ou seja, “um quadro pormenorizado que permitia mostrar o ‘miolo’ da economia”, descreve, em declarações a Margarida Magalhães Ramalho, João Cruzeiro, o responsável pela construção dessa Matriz.

O DESIGN INDUSTRIAL

De alguma forma, o INII é apontado como o precursor do design industrial em Portugal, até então ignorado no País. A escultora Maria Helena Matos era a responsável pelo Núcleo de Estética Industrial do instituto, mais tarde designado por Núcleo de Arte e Arquitectura Industrial. “Eu comecei a colaborar pontualmente, em 1959, com a fábrica de vidro Irmãos Stephens da Marinha Grande e, no ano seguinte, fui bolsista do INII, e é assim que acabo por entrar. Uma das minhas incumbências foi desenhar peças para serem feitas por esta fábrica. Por essa razão, e porque até aí elas eram concebidas pelos próprios operários, ao sabor do seu gosto pessoal e do improviso, encontrei da parte deles uma grande resistência ao meu trabalho”, traça, em declarações no livro, Maria Helena Matos. “No final dessa década, o INII vai debater-se com enormes estrangulamentos financeiros impostos pelo Governo. Por isso, será só com a mudança de Governo e já sob a direcção de Torres Campos, que é possível fazer-se a 1.ª Exposição de Design Português, em 1971, e que se repetirá dois anos depois com enorme sucesso. Em resumo, o INII foi um caldo de cultura científica de onde saíram os melhores técnicos especializados da época. Muitos deles foram enviados por diversas vezes para o estrangeiro para fazerem lá as suas especializações”.

A FUGA DE CÉREBROS

Até 1966, o instituto de investigação avança com bastante pujança. “A partir desta altura, a dificuldade estava em convencer o Estado a melhorar os vencimentos dos funcionários, pessoas com formações extraordinárias. Começam, então, a ser desafiados por outros lados. Uma parte deles vai saindo e acaba por haver um esvaziamento do INII”, conta a historiadora. “Idealizado e criado por Magalhães Ramalho, o instituto ficou sempre aquém do sonho deste por falta de meios e apoios. Esse sonho era, porventura, demasiado vasto para o país que tínhamos e, a partir de 1961, a situação piorou com o começo da guerra em Angola, a que se seguiu a Guiné e, mais tarde, Moçambique. À medida que o esforço de guerra ia aumentando, os fundos começaram a desaparecer, o que levou muitos técnicos a sair, aceitando convites de empresas”, testemunha Torres Campos.

“As dotações do INII são esvaziadas enquanto aumentam as do LNEC, ainda que este tivesse um peso menor em termos de impacto de PIB, o que leva o meu pai a enviar uma carta ao mi-



“Idealizado e criado por Magalhães Ramalho, o instituto ficou sempre aquém do sonho deste por falta de meios e apoios”, refere Torres Campos, que entrou no INII em 1960. Em 1969, assume a direcção do instituto.

nistro da Economia a alertar para ‘as graves consequências que poderão advir da ideia generalizada de que o INII é ‘uma espécie de Caixa Geral do Tesouro de outros departamentos’”, refere a historiadora. “Leva-me a pensar que, se calhar, havia muitos ‘lobbies’ instalados. E o meu pai nunca foi uma pessoa de ‘lobbies’, nem tinha, talvez, as amizades ‘certas’. Era uma pessoa muito frontal, não era suficientemente diplomático e, de alguma forma, tornava-se uma figura incómoda”, manifesta ao Negócios. “Quando Marcello Caetano chegou ao Governo, quis corporizar uma esperança de mudança e mudou todos os directores-gerais por achar que estes não estavam à altura dos novos desafios. Apesar de reconhecerem que o caso de Ramalho era diferente, não queriam abrir nenhuma excepção”. **W**

[António de Magalhães Ramalho deixou o INII em 1969, tendo sido substituído por Torres Campos. Dez anos depois, o instituto foi absorvido pelo LNETI (Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial), que deu origem, em 2004, ao INETI (Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação), hoje integrado no LNEG (Laboratório Nacional de Energia e Geologia).

Nota: As fotografias antigas foram gentilmente cedidas pela autora do livro, Margarida Magalhães Ramalho, e respectiva editora, a By the Book. Aqui ficam os nossos agradecimentos.